

JOSÉ SARNEY

## “Timon” e os números do Maranhão



**Se o Estado é tão pobre e tantos pobres apóiam Roseana, é porque estão satisfeitos**

Estava hospitalizado, no Maranhão, quando o sr. Mauro Chaves escreveu um indelicado artigo a meu respeito. Somente agora venho analisá-lo. Aliomar Baleiro, na Câmara Federal, em aparte a um orador que louvava a contribuição de sua família à História do Brasil, respondeu: “Tenho muito respeito e inveja de V. Exa., mas comigo o ancestral sou eu mesmo.” Assim me identifico. A roupa de oligarca não é do meu temperamento cordial e humano.

Em 1965, fui eleito, pela oposição, governador do Maranhão, Estado que, pelas condições políticas e sociais, vivia no século 19. Não tínhamos um quilômetro de estrada asfaltada, só existiam um ginásio oficial, o Liceu, onde estudei, e duas faculdades, a de Direito e a de Farmácia. As cadeias públicas eram os troncos dos tempos da escravatura. A energia consumida na capital era produzida por quatro motores movidos a lenha. No interior, vi a iluminação por candeeiros de querosene, colocados em quatro ou cinco postes. A expectativa de vida era de 29 anos. A agricultura era o roçado da queima, nenhum trator para a cultura da terra. A política era a polícia, a violência, o espancamento de jornalistas, o capitão-do-mato, com o título honorífico de subdelegado, em todos os povoados, para manter a estrutura feudal e arcaica. Glauber Rocha, no famoso e premiado documentário *Maranhão 66*, perpetuou esse estado de miséria e abandono.

Nestes 36 anos, tudo mudou. Hoje, o Maranhão é o quarto porto do Brasil, o mais moderno, com 50 milhões de toneladas de carga, o maior saldo de exportação do Nordeste; uma das melhores infra-estruturas da região, estradas, energia, comunicação; a mais moderna estrada de ferro do Brasil, correndo do sul do Maranhão ao Porto de Itaqui, transportando 1,8 milhão de toneladas de grãos, das quais 700 mil de soja; a Base de Alcântara, lançando foguetes meteorológicos e se preparando para lançar satélites; a

mais moderna fábrica de alumínio do mundo, da Alcoa, investimento de US\$ 3 bilhões; unidades de pelotização e guserias. O mais dinâmico pólo agrícola do País: Balsas. US\$ 700 milhões de exportação, quase um terço do superávit da balança comercial brasileira em 2001.

No meu mandato de governador criei duas universidades, a Federal,

graças ao presidente Castelo Branco, e as Faculdades de Administração, Comunicação, Agricultura, Engenharia, Educação, base da Universidade Estadual. Meu lema – atingido – foi uma escola por dia, mais de um ginásio por mês (criados 64) e uma faculdade por ano. Eletrificamos o Estado inteiro com a construção das duas primeiras hidrelétricas da região, Itapecuruzinho e Boa Esperança. Orgulho-me da projeção e do trabalho que consegui realizar pelo meu Estado, cujo povo, meu juiz, sempre, em eleições sucessivas, tem reconhecido esse esforço.

Naquela época, passou pelo Maranhão o grande ícone da nossa imprensa, Júlio de Mesquita Filho, e, ao testemunhar o descalabro do Estado e o esforço de nossa equipe, disse aos jornais: “Passo a reacreditar no Brasil depois que visitei o Maranhão.”

O Maranhão é exemplo de saneamento fiscal e de modernização administrativa. A média de empregados funcionários no Brasil é de 35%, no Maranhão é de 15%. Os gastos com pessoal são de 50%. Nada de empreguismo. Roseana extinguiu todas as secretarias, adotou o sistema de gerências, governa com transparência e correção, é julgada pelo povo a melhor governadora do Brasil, com 88% de aprovação. Se o Maranhão é tão pobre e tantos pobres apóiam Roseana, é porque estão satisfeitos. Bom exemplo para o Brasil, onde os pobres odeiam os que governam.

A Roseana coube a tarefa de modernizar o Maranhão. Nada tenho que ver com seu sucesso. Se tenho erros, pago pelos meus erros. Ela não é responsável por eles. Ela caminha com seus próprios pés, independen-

cia e personalidade.

Quanto à pobreza do Maranhão, é estranho que só agora se lembrem dela. A pobreza do Maranhão é a mesma do Brasil. Pegaram só um índice do Maranhão, a renda familiar, para nos atacar. O próprio IBGE diz que esses dados são distorcidos, porque 30% dos formulários não informaram renda.

O índice de Gini, que mede a distribuição de riqueza, e aponta o fundamental, diz que o Maranhão é o Estado com menor concentração de renda no Nordeste.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Maranhão não é, como afirmou o sr. Chaves, o último do Brasil. Atrás do Maranhão há outros Estados. Vexaminoso mesmo não é o nosso índice, é o índice do Brasil, de 0.750, 69.º do mundo, ao lado de países muito pobres, africanos e asiáticos. O IDH das nossas minorias negras está no 101.º lugar, igual ao da Argélia e do Vietnã.

São Paulo, o Estado mais rico do Brasil, é o que tem mais pobres no País, com 14% dos responsáveis pelos domicílios com rendimento inferior a um salário mínimo. Minas tem 11% e Rio, Pernambuco e Ceará, 7%. O Maranhão vem depois destes, com 4,5%!

A maior mortalidade de crianças por inanição em nosso país, 31 em mil, está no “Corredor da Fome” em São Paulo, no Vale do Ribeira, segundo dados da Fundação Orsa. É culpa de Alckmin, da Fiesp, do presidente FHC? Não, é a tragédia da desigualdade. Nos EUA e na Europa há igualmente bolsões de pobreza.

O desempenho do Maranhão é, ao contrário do que afirmaram, melhor que o do Brasil. Vamos citar o IBGE: “Constatou-se que a renda familiar per capita do Maranhão cresceu quase 50%, entre 81 e 99, desempenho muito acima da maioria do Nordeste (25%) e do Brasil (30%) ... Apesar de ser o Maranhão um dos Estados com mais altos níveis de carência, ao longo das últimas duas décadas e, em particular, desde 1994” – no governo Roseana –, “as melhorias sociais têm sido bem superiores às ocorridas no Nordeste e no Brasil.”

Não posso deixar passar em branco a afirmação da decadência cultural do Maranhão. Em nenhum tempo o Maranhão teve tanto destaque cultural no País como no século 20. Atraves-

samos para o século 21 com o maior poeta vivo do Brasil, Ferreira Gullar, e com Josué Montello, 120 livros publicados, o maior conjunto de obras de um escritor brasileiro. Romancistas, poetas, ensaístas fizeram e fazem a glória cultural do Estado, sem falar da cultura popular, com nomes como Alcione, Joãozinho Trinta, João do Vale, Zeca Baleiro, Rita Ribeiro e tantos outros.

São Luís, considerada pela Unesco, agora, Patrimônio da Humanidade, tem o maior projeto de restauração histórica do País e é a cidade menos violenta do Brasil. Nestes 30 anos, a cidade tornou-se uma das de melhor qualidade de vida do Brasil, com plano diretor, sistemas viários, pontes atravessando os Rios Bacanga e Anil, e um dos pontos de atração turística do Nordeste, que se estende ao complexo de Lençóis com acesso de auto-estrada aberto pelo governo Roseana.

Desculpo o sr. Mauro Chaves. Alguém lhe passou informações erradas, porque ele perderia qualquer qualificação para falar do Maranhão com apenas uma só delas: que o Maranhão teve “um dos melhores jornais do Império – o *Timon*, editado pelo insigne Luís Francisco Lisboa”. Meu Deus! O *Timon* nunca existiu. *Jornal de Timon* é o título que deu a quatro volumes de estudos sobre eleições, direitos, usos e costumes, História do Brasil e do Maranhão, livros clássicos, o grande historiador maranhense João Francisco Lisboa, que com Varnhagen e Joaquim Caetano da Silva renovou a historiografia do Brasil. Chamar o grande João Lisboa de Luís Francisco não se pode admitir num “promotor cultural”. Luís Francisco é o procurador da República do caso Nicolau.

Nossos números não nos agradam. Os indicadores sociais brasileiros são vergonhosos. O Maranhão não é o vilão da história da pobreza no Brasil. Em 40 anos, teve uma transformação extraordinária e, pelo IBGE, é um dos Estados que mais avançaram na área social.

E, para alegria nossa, a Petrobrás, agora, anuncia descoberta de petróleo em nossa bacia marítima. O Maranhão é um Estado que tem história, tradição cultural, presente e futuro econômico. Não pode ser tratado, por motivos eleitorais, dessa maneira.